



AS DOMÉSTICAS

- EMPREGADA 1 - E estas luvas! Estas eternas luvas! Estou cansada de dizer para deixá-las na cozinha. Com isto, me parece, é que esperas seduzir o leiteiro. Não, não mintas. É inútil. Vai pendurá-la em cima da pia. Quando é que tu perceberás que este quarto não pode ser profanado? Tudo, absolutamente tudo quanto sai da cozinha é esterco. Sai! Leva daqui os teus escarros! E para com isso! Não te importa, te faz de mosca tonta. E sobretudo não te apressas temos tempo de sobra. Sai! Prepara meu vestido. Depressa, que não temos tempo. Onde estás metida? Clara! Clara!
- EMPREGADA 2 - Que a senhora tenha a bondade de desculpar-me. Estava preparando a "Infusão" da senhora.
- EMPREGADA 1 - Me põe a roupa aí à mão. O vestido branco de lantejoulas! O leque! As esmeraldas!
- EMPREGADA 2 - Sim, senhora! Todas as suas jóias?
- EMPREGADA 1 - Tira-as para fora, para mim escolher. E, é claro, os sapatos de verniz, esse que há tantos anos cobigas! Para teu casamento, certamente. Confessa que ele te seduziu! Que estás grávida! Confessa! Já te falei, Solange, que não quero aqui os teus escarros. Que durmam no teu corpo, minha filha, que apodreçam nêle. que o caminhante extraviado se afogue nele. Ah! Ah! Tu és horrorosa, meu tesouro. Curva-te um pouco mais e contempla-te nos meus sapatos. Julga que tenho algum prazer em sentir o meu pé envolto nos véus da tua baba? Na bruma dos teus pântanos?
- EMPREGADA 2 - Quero que a senhora fique mais bonita.
- EMPREGADA 1 - Ficarei! Me odeias, não é verdade. Me afoga com teus cuidados, com tua humildade, com teus gladiolos. É um estorvo inútil. Oh! Incomodas, inúteis. É mortal. Estarei bela como tu jamais serás em toda a tua vida. Porque não é com este corpo e com esta cara que conseguirás seduzir o Mário. Este leiteiro ridículo nos despreza, e se te fez um filho...
- EMPREGADA 2 - Oh! Mas eu nunca...
- EMPREGADA 1 - Cala a boca idiota! O meu vestido!
- EMPREGADA 2 - O vestido vermelho! É o vestido vermelho que a senhora vai por.
- EMPREGADA 1 - Eu disse o branco, de lantejoulas.
- EMPREGADA 2 - Esta noite, a senhora vai usar o vestido de veludo vermelho!
- EMPREGADA 1 - Ah é? Por que?
- EMPREGADA 2 - Não posso esquecer-me do peito da senhora, sob as pregas do veludo. quando a senhora suspira e fala ao seu amante da minha fidelidade! Talvez um vestido negro assenteria melhor com a sua viuvez!



- EMPREGADA 1 - Como?
- EMPREGADA 2 - Terei que explicar?
- EMPREGADA 1 - Ah! Te referes... Muito bem. Ameaça-me. Insulta a tua patroa. Solange, queres te referir, não é verdade, às desventuras do patrão? Palermo. Não é este o momento para se falar nisso, mas eu vou tirar partido dessa tua alusão! Sorris? Duvidas?
- EMPREGADA 2 - Ainda não chegou o momento de exumar...
- EMPREGADA 1 - Minha infâmia? Minha infâmia! Exumar! Que palavra!
- EMPREGADA 2 - Senhora?
- EMPREGADA 1 - Já sei onde queres chegar. Já ouço o zumbido das tuas acusações. Desde o começo me insultas, andas buscando o momento de me cuspires na cara.
- EMPREGADA 2 - Senhora, senhora, ainda não chegamos aí. Se o patrão...
- EMPREGADA 1 - Se o patrão está preso é graças a ti, vá te atreve a dizê-lo. Fala, já que não tens papas na língua. Fala! Eu manobre na penumbra, camuflada pelas minhas flores. Mas nada poder contra mim.
- EMPREGADA 2 - A palavra mais insignificante lhe parece uma ameaça. Não se esqueça a Senhora de que eu sou a empregada.
- EMPREGADA 1 - Por ter entregue o meu amor à policia, por ter concordado em vendê-lo, eu ficaria em tuas mãos. E quanto a tudo isso que eu fiz, pior ainda. Melhor! Julgas que não sofri? Obriguei a minha mãe, estás ouvindo, Clara? Obrigueia lentamente, firmemente, sem um deslize, sem a menor rasura, a escrever esta carta que iria condenar à prisão o meu querido. E tu, em vez de me amparares, me desafias, me falas de viuvez! O meu amor não morreu, Clara! De prisão em prisão acabarão por mandá-lo ao desterro, quem sabe. E eu, a sua querida, louca de dor e acompanharei. Farei parte da leva. Compartilharei a sua glória. Me falas de viuvez, o vestido branco é o luto das rainhas. Isso é o que tu não sabes, Clara. Me recusares o vestido branco.
- EMPREGADA 2 - A senhora vai usar o vestido vermelho!
- EMPREGADA 1 - Está bem. Me traga o vestido. Me sinto tão só e sem amigos. Vejo em teus olhos que me odeias.
- EMPREGADA 2 - Eu gosto da senhora.
- EMPREGADA 1 - Pois, claro. Como se quer a uma patroa, suponho. Gostas de mim e me respeitas. E esperas pelo meu testamento, pela cláusula em teu favor...
- EMPREGADA 2 - Farei é impossível...
- EMPREGADA 1 - Já sei. Me jogas na fogueira. Aperta os colchetes. Não puxes tanto. Não tentes me enredar. Evita me tocar. Chegue para trás. Cheira a animal selvagem de que infecto cubículo, onde à noite, eles vão te visitar, trazes este cheiro? O cubículo! O quarto das empregadas. O sótão! Se eu falo do cheiro dos sótãos, Clara, é mera recordação. Ali... Ali as duas camas de ferro separadas pela mesinha de cabeceira. Lá, é cômoda de pinhe com o seu peque-



no altar à Virgem Santíssima. É assim como eu digo, não é?

- EMPREGADA 2 - Somos tão infelizes. Me dá vontade de chorar.
- EMPREGADA 1 - Está certo! Passemos adiante nossas devoções à virgem de gesso, nossas genuflexões. Nem se quer falaremos das flores de papel. De papel. E o ramo de palma benzido! Olha para estas flores abertas em minha honra. Sou uma virgem mais bela, Clara.
- EMPREGADA 2 - Cala a boca...
- EMPREGADA 1 - E ali, a famosa clarabeia por onde o leiteiro semi-nu salta para a tua cama.
- EMPREGADA 2 - A senhora está indo muito longe. A senhora...
- EMPREGADA 1 - Tuas mãos. Não desvairem elas também! Quantas vezes tenho segredado... Tuas mãos fedem a esfregão.
- EMPREGADA 2 - A raba!
- EMPREGADA 1 - Que?
- EMPREGADA 2 - O raba. Arrumo o raba do seu vestido.
- EMPREGADA 1 - Sai tarada!
- EMPREGADA 2 - Ladra, eu? Como?
- EMPREGADA 1 - Eu disse tarada. E se começa com choramingos, vá choramingar no teu setão. Aqui, no meu quarto, só admito lágrimas nobres. A barra do meu vestido algum dia estará coalhada delas, mas de lágrimas preciosas. Arruma meu peito, puta!
- EMPREGADA 2 - A senhora está com ódio!
- EMPREGADA 1 - Entre seus braços perfumados, a cólera me leva. Me eleva, levanto, arranco... e caio. O colar? Mas rápido, que não vamos ter tempo. Conserva as tuas mãos bem longe das minhas, teu contato é nojento... Se o vestido for muito comprido, faz uma bainha com alfinetes. Vamos depressa!
- EMPREGADA 2 - É bom não exagerar. Seus olhos se incendiam. Estás quase a atingir o ponto.
- EMPREGADA 1 - O que dizes?
- EMPREGADA 2 - Os limites, as fronteiras. Senhora, é preciso manter as distâncias.
- EMPREGADA 1 - Que linguagem, minha filha. Te vingas, não é verdade? Sentes que se aproxima o momento em abandonarás o teu papel...
- EMPREGADA 2 - A senhora me compreende muito bem. A senhora me adivinha.
- EMPREGADA 1 - Sentes chegar o momento em que deixarás de ser a empregada. Vais te vingar. Estás te preparando para isso? Afiando as unhas? O ódio te despertou? Não te esqueças, Clara.



- Clara, estás ouvindo? Então, Clara, não me ouves?
- EMPREGADA 2 - Estou ouvindo.
- EMPREGADA 1 - Por mim, unicamente por minha causa, é que a empregada existe. Pelos meus gritos e pelos meus gestos.
- EMPREGADA 2 - Estou ouvindo.
- EMPREGADA 1 - É graças a mim que tu existes, e me desafia! Não podes calcular, Clara, como custa ser a se nhora, como custa servir de pretexto às vossas frescuras. Um pouco mais e deixarias de existir. Mas eu sou boa, eu sou bela, e te desafio o meu desespero de amante me torna mais bela ainda.
- EMPREGADA 2 - O vosso amante!
- EMPREGADA 1 - O meu desventurado amante, minha filha! Contribui para a minha nobreza. Eu cresço ainda mais para te amesquinhar e te exaltar. Apela para todas as tuas artimanhas. Chegou o momento!
- EMPREGADA 2 - Basta! Vamos. Estás pronta?
- EMPREGADA 1 - E tu?
- EMPREGADA 2 - Estou pronta, estou farta de ser um objeto de aversão. Eu também te odeio...
- EMPREGADA 1 - Te acalma, minha filha!
- EMPREGADA 2 - Eu te odeio! Te desprezo! Já não me impressione. Odeio! Invoque a memória do teu amante para que ela te proteja. Te odeio. Odeio teu peito cheio de exalações perfumadas. Teus peitos... de marfim! As tuas coxas... de ouro! Os teus... pés de âmbar! Eu te odeio.
- EMPREGADA 1 - Oh! Oh!
- EMPREGADA 2 - Sim, senhora, minha formosa senhora. Pensas que tudo lhe será permitido até o final? Julgas que podes roubar a beleza do céu e privar-me dela? Escolher seus perfumes, seu pó-de-arroz, a seda e os veludos, as rendas, e privar-me deles? E apanhar o leiteiro? Confessa! Ora, confessa isso do leiteiro! Sua juventude, sua frescura a perturbam não é verdade? Confessa isso do leiteiro. Porque Solange te diz merda!
- EMPREGADA 1 - Clara, Clara!
- EMPREGADA 2 - Que disse?
- EMPREGADA 1 - Clara, Solange, Clara.
- EMPREGADA 2 - Claro que sim. Clara está aqui mais clara do que nunca. Luminosa!



- EMPREGADA 1 - Clara, Clara...tu...oh!
- EMPREGADA 2 - Julgava então a senhora que estava protegida pelas suas barricadas de flores, que estava a salvo por um destino excepcional, pelo sacrifício. Não contava com a revolta das domésticas. Foi essa revolta cresce, minha senhora. Vai explodir e dar cabo da vossa aventura. Esse seu amante não passava de um triste ladrão e vós de uma...
- EMPREGADA 1 - Te prófbo!
- EMPREGADA 2 - Proibir? Não brinque! A senhora está atônita! A sua cara se altera. Não quer um espelho?
- EMPREGADA 1 - Fecho mais bela ainda! Tenho a aura do perigo, Clara, ao passo que tu és só trevas...
- EMPREGADA 2 - ...do inferno! Já sei. Já conheço essa história. Leio na tua cara a resposta que devo dar pois irei até o fim. As duas domésticas estão aqui, as servas dedicadas! Te enfeita para hu milhá-las. Já perdemos o respeito. Estamos en voltas, em nossas pompas, no nosso ódio por ti. Vamos tomando forma, minha senhora. Não ria. Ah! Sobretudo não ria da minha grandiloquência...
- EMPREGADA 1 - Vá embora!
- EMPREGADA 2 - Pare servi-la também, senhora! Volto à minha cozinha. Nela encontrarei minhas luvas e o chei ro dos meus dentes. O arrôto silencioso da caí xa de gordura. A senhora tem suas flores e eu meu esfregão. Sou a empregada. Isso tu não podes profanar. Tu me pagarás, nem que seja no paraíso. Preferia ir até lá do que deixar o meu ódio pelo caminho. Ria, ria um pouco, e trate de rezar, depressa! Chegou ao fim, querida. Abaixas as patas e me deixa ver esse pescoço frá gil. Não trema. Não estremeça. Serei rápida e silenciosa. Sim, vou voltar para a minha cozinha, mas antes acabarei minha tarefa.
- (TOCA O DESPERTADOR) JÁ?
- EMPREGADA 1 - Temos que agir rápido. A madame vai voltar. Me ajuda aqui. Acabou... e tu não conseguiu ir até o fim.
- EMPREGADA 2 - É sempre assim. E por tua culpa. Nunca estás pronta a tempo. Assim não posso te arrematar.
- EMPREGADA 1 - O que nos toma mais tempo são os preparativos. Mas repara...
- EMPREGADA 2 - Toma conta da janela.
- EMPREGADA 1 - Repara que ainda temos uma margem. Adiantei o relógio para que pudessemos pôr tudo em ordem.
- EMPREGADA 2 - Está uma noite pesada. Esteve um tempo pesado, todo dia.
- EMPREGADA 1 - Esteve!



- EMPREGADA 2 - É isto que nos mata, Clara!
- EMPREGADA 1 - É.
- EMPREGADA 2 - Está na hora.
- EMPREGADA 1 - Está. Vou preparar a infusão.
- EMPREGADA 2 - Toma conta da janela.
- EMPREGADA 1 - Temos tempo.
- EMPREGADA 2 - Continuas a te olhar... Clara, minha filha...
- EMPREGADA 1 - Estou cansada.
- EMPREGADA 2 - Cuida a janela. Com a tua moleza, ficava tudo fo
ra do lugar. E ainda tenho que limpar o vestido
da madame. O que é que tens? Já podes ser igual
a ti mesma. Fõe a cara de sempre, Clara, volta a
ser a minha irmã...
- EMPREGADA 1 - Estou cansada. Esta luz me mata. Não achas que os
vizinhos da frente...
- EMPREGADA 2 - Que importância tem? Certamente não querias que...
que nos organizássemos no escuro? Fecha os olhos
Clara. Descansa.
- EMPREGADA 1 - Oh! Quando digo que me sinto cansada, é uma força
de expressão. Não aproveites para me lamentar. Não
tentes me dominar.
- EMPREGADA 2 - Gostaria de te ver descansar. Quando descansas é
que mais me ajudas.
- EMPREGADA 1 - Te compreendo. Não te expliques.
- EMPREGADA 2 - Me explico. Quem começou foi tu. Primeiro, com a-
quela alusão ao leiteiro. Acredita que eu não sói
vinhei o que pensavas? Se o Mário...
- EMPREGADA 1 - Oh... o Mário!
- EMPREGADA 2 - Se o leiteiro à noite, me diz grosserias, também
diz prá ti. Mas ficaste radiante por poder...
- EMPREGADA 1 - Seria melhor veres se está tudo em ordem. Olha a
chave da escrivania, ela era assim que estava. E no
meio de todos estes cravos e rosas é impossível,
como ele diz, não...
- EMPREGADA 2 - Ficaste delirante ainda há pouco, por poderes en-
tremeares os insultos...
- EMPREGADA 1 - ...descobrir um cabelo de qualquer uma das empre-
gadas.
- EMPREGADA 2 - Com pormenores da nossa vida privada, com...
- EMPREGADA 1 - Com? Com? Com o que? Dá um nome a isso. Dá um nome
a essa coisa. A cerimônia? Aliás, não temos tempo
para começar com uma discussão aqui. E, desta vez





Solange temo-la nas mãos. Invejo-te por teres visto a cara dela ao ter conhecimento da prisão do amante. Desta vez fiz um bom trabalho. Reconheces? Se não fosse eu, se não fosse a minha carta de denúncia, não terias gozado este espetáculo: o amante algemado e a madame chorando. Pode até morrer de desgosto. Esta manhã nem podia ficar de pé.

- EMPREGADA 2 - Melhor. Que morra. E que eu herde por fim. Não tornar a por os pés naquele sórdido sótão, na companhia desses imbecis, entre uma cozinheira e o mordomo.
- EMPREGADA 1 - Eu, por mim, gostava do nosso sótão.
- EMPREGADA 2 - Não te enterneças. Gostas só para me contrariar. Eu o odeio. Eu o vejo tal como ele é. Nú e sórdido. Despojado, como a madame diz. Mas, enfim, nós somos umas piolhentas.
- EMPREGADA 1 - Ah, não. Não comeces. Toma atenção à janela. Não consigo ver nada, a noite está escuríssima.
- EMPREGADA 2 - Tenho que falar, tenho que desabafar. Gostei do sótão porque a sua pobreza me obrigava a gestos pobres. Nada de cortinas a levantar, nenhum tapete para pisar, nada de móveis para escariciar... com o olhar ou com o pano de pé, nada de espelhos nada de sacadas. Nada que nos obrigasse a um gesto demasiado pomposo. Mas descansa que na prisão poderás continuar a te fazer de madame, de Maria Antonieta, a passear de noite pela casa...
- EMPREGADA 1 - Estás doida. Nunca me viste passear pela casa.
- EMPREGADA 2 - Oh! A menina nunca passeou pela casa! Enrolada nos cortinados ou na colcha de rendas, não é isso? Contemplando-se nos espelhos, pavoneando-se nas sacadas e saudando, às duas da manhã, o povo que desfila debaixo das suas janelas. Nunca pois não, nunca?
- EMPREGADA 1 - Mas, Solange...
- EMPREGADA 2 - A noite está muito escura para espiar a madame. Na tua varanda te julgavas invisível? Por quem me tomas? Não tentes me convencer de que és sonâmbula. Ao ponto em que chegamos, podes muito bem confessar.
- EMPREGADA 1 - Que é isso, Solange, estás aos berros! Fala mais baixo, por favor. A madame pode entrar silenciosamente...
- EMPREGADA 2 - Larga as cortinas, já terminei. Não gosto de te ver levantá-las dessa maneira. Deixa-as cair. Era assim que ele fazia, ao espiar os policiais naquela manhã em que vieram prendê-lo.



- EMPREGADA 1 - Ves no mínimo gesto o gesto do assassino que se prepara para fugir pela escada de serviço. Agora tens medo.
- EMPREGADA 2 - Ironiza! Ironiza para me excitar. Pois ironiza! Ninguém me ama. Ninguém nos ama.
- EMPREGADA 1 - Ela, ela sim nos ama. Ela é boa. A madame é boa! A madame nos adora!
- EMPREGADA 2 - Gosta de nós como gosta das suas poltronas. Nem isso. Como gosta da rósea louça das suas latrinas. Como gosta do seu bidê. Nós é que não podemos gostar de nós. A merda...
- EMPREGADA 1 - Hah!...
- EMPREGADA 2 - ...não quer a merda. E acreditas que vou me resignar? Continuar com este jogo e de noite voltar para a minha cama de ferro? Talvez nem sequer possamos continuar com esse jogo! E se não posso escarrar sobre alguém que me trate por Clara, meu catarro vai me afogar. O meu cuspe é a minha tiara de diamante.
- EMPREGADA 1 - Fala mais baixo, por favor. Fala da bondade da madame.
- EMPREGADA 2 - Da sua bondade? É fácil ser boa, sorridente e meiga ...sua doçura. Quando se é bela e rica! Mas ser boa quando se é empregada!? A gente se contenta em pavonear-se enquanto se faz a limpeza ou esfrega a louça. Brandindo o espanador como se fosse um leque. Fazemos gestos elegantes com esfregões na mão. Ou, então como tu fazes, te dás à noite, ao luxo de um desfile histórico pelos aposentos dos patrões.
- EMPREGADA 1 - Solange! Continuas? Que pretendes? Achas que essas acusações nos vão acalmar? De ti poderia contar coisas piores.
- EMPREGADA 2 - Tu, tu!
- EMPREGADA 1 - Eu, exatamente. Era só querer. Porque no fim de tudo.
- EMPREGADA 2 - Tudo? Que estás insinuando? Tu é que falaste deste homem. Te odeio, Clara.
- EMPREGADA 1 - E eu te pago com juro. Mas não irei buscar esse pretexto do leiteiro para te ameaçar.
- EMPREGADA 2 - De nós duas, quem é a que ameaça? Fala! Duvidas?
- EMPREGADA 1 - Começa primeiro. Dispara primeiro. Quem recua é tu, Solange. Não te atreves a me acusar do mais grave. Das minhas cartas à polícia. Inundei o sótão com os meus ensaios de escrita... páginas e páginas. Inventei as piores histórias e as mais belas de que tiravas proveito. À noite, quando fazias de madame, metida no vestido branco, estavas radiante. Te vias subindo furtivamente para bordo do barco dos condenados, do...
- EMPREGADA 2 - Arau Caralho!



- EMPREGADA 1 - Acompanhavas o teu amante... Fugias daqui. Partias para o desterro com ele. Um belo sonho! Porque eu tinha a coragem de mandar as minhas cartas anônimas te davas ao luxo de ser uma prostituta de alto galão, uma greluda. Te sentias feliz de teus sacrifícios, de levares a cruz do mau ladrão, por lhe enxugares o rosto, por ampará-lo, por te entregares à chusma para que lhe concedessem um leve alívio.
- EMPREGADA 2 - Mas antes falevas em acompanhá-lo.
- EMPREGADA 1 - Não nego. Retomei a história onde tu a deixou. Mas com menos violência do que tu. Já no sótão, no meio das cartas, as palavras te faziam vacilar.
- EMPREGADA 2 - É que tu não te vias.
- EMPREGADA 1 - Claro que sim! Posso me ver na tua cara e ver os estragos que a nossa vítima fez nela! Agora ele está preso. Alegremo-nos. Evitamos pelo menos a sua troça. E tu estarás mais à vontade para descansar sobre o seu peito. Inventarás melhor seu tronco e suas pernas. Verás sua maneira de andar. As palavras te fazia vacilar! Te entregavas a ele. Com risco de nos perder... A...
- EMPREGADA 2 - O que?
- EMPREGADA 1 - Eu repito. Perder. Para escrever minhas cartas de denúncia à policia, precisava de fatos, tinha de citar datas. E que fiz eu? Hein? Recordas, querida, tua confusão encabulada é encantadora. Te dá vergonha. No entanto estavas lá! Vasculhei os papéis de madame e descobri aquela famosa correspondência...
- EMPREGADA 2 - E depois?
- EMPREGADA 1 - Estás me irritando de verdade! Depois? Pois muito bem: depois, tu quis conservar as cartas dele. E à noite, no sótão, ainda havia uma carta dirigida a madame! Descobri!
- EMPREGADA 2 - Andas revirando as minhas coisas?
- EMPREGADA 1 - É o meu dever!
- EMPREGADA 2 - Sou eu agora que me espanto com os teus escrúpulos.
- EMPREGADA 1 - Sou prudente, não escrupulosa! Enquanto eu arriscava tudo, ajoelhada no carpete, forçando a fechadura dessa merda, para criar uma história baseada em fatos verdadeiros, tu embriagada com o tema de teu amante culpado, criminoso e desterrado, me abandonavas!
- EMPREGADA 2 - Tinha posto um espelho no corredor de modo a ver a porta da entrada. Estava de sentinela.
- EMPREGADA 1 - Mentira! Nada me escapas e já há muito tempo que venho te observando. Com a tua habitual prudência, ficaraste à entrada da copa, pronta a escapar para a cozinha se a madame aparecesse.
- EMPREGADA 2 - Estás mentindo, Clara. Vigiaava o corredor...



- EMPREGADA 1 - É mentira! Pouco faltou para que a ~~madame~~ surpreendesse em flagrante. Sem te preocupares se as minhas mãos tremem ao rebuscar nos papéis, tu já não estavas ali, já ias por esses mares afora.
- EMPREGADA 2 - E tu? Parece que nada sabes dos teus êxtases! Te atreve a me dizer, Clara, que nunca sonhaste com um condenado! Que nunca sonhaste precisamente com este. Te atreve a dizer que não o denunciaste, justamente - justamente, que bela palavra! - para que ele sirva à tua aventura secreta!
- EMPREGADA 1 - Sei isso, e muito mais. Sou a mais lúcida. Mas quem inventou a história foi tu. Ah! Solange, se tu te pudesses ver. O sol da selva ainda ilumina a tua cara. Preparas a evasão do teu amante. Quando trabalhas! Mas te aculma, é por outras razões que te odeio. Bem sabes quais.
- EMPREGADA 2 - Não tenho medo de ti. Não duvido do teu ódio, tua falsidade, mas toma cuidado. Sou eu a mais velha.
- EMPREGADA 1 - ~~A~~ mais velha? Que quer dizer isso? E quem é a mais forte? Me obrigas a falar desse indivíduo só para me desviareas a atenção! Ora, vamos lá! Julgas que não te apanhei? Tentaste matá-la.
- EMPREGADA 2 - Me acusas?
- EMPREGADA 1 - Não negues. Eu te vi. E tive medo. Medo, Solange. Quando realizamos a cerimônia, protejo sempre o peçoço. É a mim que tu procuras visar através da madame. Sou eu que estou em perigo.
- EMPREGADA 2 - É verdade que tentei. Quis te libertar. Não podia resistir. Me sentia sufocada só de te ver sufocar, corar, empalidecer, apodrecer na atmosfera agridoce dessa mulher. Me censuras e tens razão. Te amava demasiado. Serias a primeira a me denunciar se eu a tivesse matado. Tu é que haverias de me entregar à policia.
- EMPREGADA 1 - Solange...
- EMPREGADA 2 - Que é que temes? Trata-se de mim.
- EMPREGADA 1 - Solange, minha maninha. Fiz mal. E ela voltará.
- EMPREGADA 2 - Não matei ninguém. Fui covarde, entende. Fiz o possível, mas ela se virou no meio do sono. Respirava. Docemente. Enfunava os lençóis: era a madame!
- EMPREGADA 1 - Cala a boca!
- EMPREGADA 2 - Ainda não. Querias saber... Espera, ainda tenho mais para te contar. Vais saber como é a tua irmã. Do que que ela é feita. De que matéria é feita uma doméstica: tentei estrangulá-la!
- EMPREGADA 1 - Pensa na glória. Pensa na glória. Pensa no que vem depois.
- EMPREGADA 2 - Qual o quê! Já estou de saco-cheio de me ajoelhar nesses bancos. Na igreja, teria o direito ao veludo carmesim das abadesses ou à pedra das penitentes mas ao menos a minha atitude seria nobre.



Repara, repara que bem que ela sofre. Com que elegância sofre. A dor a transforma, a embeleza ainda mais. Quando soube que o amante era um ladrão, enfrentou a polícia. Estava em plena exaltação! Agora é uma magnífica mulher abandonada cujos braços são sustentados por duas empregadas atentas e afligidas por sua dor. Já as viste? Resplandecente era a sua dor, com todo o fulgor das jóias, do cetim dos vestidos, dos lustres! Clara, a beleza do meu crime resgataria a pobreza da minha pena. Em seguida botaria fogo em tudo.

- EMPREGADA 1 - Te calma, Solange. Podia o fogo não pegar. Viriam a te descobrir. Sabes qual a sorte reservada aos incendiários.
- EMPREGADA 2 - Sei tudo. Estive de olho e ouvido colado às fechoaduras. Escutei detrás das portas mais do que qual quer outra empregada. Sei tudo. Incendiária!... que título admirável.
- EMPREGADA 1 - Cala a boca! Me sufocas! Me sufoco. Ah! Deixe entrar um pouco de ar aqui.
- EMPREGADA 2 - Que vais fazer?
- EMPREGADA 1 - Abrir.
- EMPREGADA 2 - Tu também? Há muito tempo que me sufoco! Há quanto tempo desejo por este jogo a nã para o mundo, gritar a minha verdade por toda parte, descer a rua vestida de madame...
- EMPREGADA 1 - Cala a boca! O que eu queria dizer...
- EMPREGADA 2 - Tens razão, é muito cedo ainda. Sai da janela. Abre as portas do vestibulo e da cozinha. Vai até lá, ver se a água ferve.
- EMPREGADA 1 - Sozinha?
- EMPREGADA 2 - Bem, então espera que ela chegue. Ela traz suas estrelas, suas lágrimas, seus sorrisos, seus suspiros vai corromper-nos com sua doçura.
- (TOCA O TELEFONE)
- EMPREGADA 1 - O senhor? É ele... É a Clara, meu senhor... Muito bem direi à patroa. Ela ficará muito contente por saber que o senhor está em liberdade... Sim senhor. Vou tomar nota. O senhor espera a patroa no Bilboquet. Muito bem... Passe bem.
- EMPREGADA 2 - Está livre?
- EMPREGADA 1 - Está em liberdade condicional.
- EMPREGADA 2 - Mas... mas então tudo se vai por água abaixo.
- EMPREGADA 1 - É isso aí.
- EMPREGADA 2 - Os juizes tiveram a cara de pau de soltar-lhe. É um escárnio para a justiça. Nos insultam! Se ele está livre, há de querer fazer um inquérito. Revistarão a casa para descobrir o culpado. Só me pergunte é se já te deste conta da gravidade da situação.



- EMPREGADA 1 - Deu no que deu.
- EMPREGADA 2 - Fizeste muito bem. No momento exato. Meus cumprimentos. As tuas denúncias, as tuas cartas, saíram tudo de de mil maravilhas. E se reconhecerem a tua letra então, será um trabalho perfeito. E por que é que ele irá primeiro ao Bilboquet em vez de vir aqui? Será que és capaz de me explicar?
- EMPREGADA 1 - Já que tens tanta habilidade, devias ter resolvido a questão com a madame. Mas tiveste medo. A cama estava morna, o ar perfumado. Era a madame. Agora, nos resta seguir com esta vida, voltar ao nosso papel.
- EMPREGADA 2 - Desgraçada, é justamente o papel em si que é perigoso. Tenho a certeza de que deixamos marcas. Por culpa tua. Sempre deixamos. Vejo uma série delas que nunca poderei apagar! E ela, passeando no meio de tudo isso, compreendendo, decifrando. Focou a ponta do seu róseo pé sobre o nosso rastro. E de início em início nos descobre. Por tua culpa é que a madame ri de nós! A madame saberá de tudo. Basta que chame para que lhe sirvam. Saberá que usávamos seus vestidos, que roubávamos seus gestos que enredávamos o seu amante nas nossas artimanhas. Tudo falará Clara. Tudo nos acusará. As cortinas com a marca dos teus ombros, os espelhos com a de minha cara, a luz habituada de nossas loucuras. A luz lhe confessará tudo. A tua estupidez botou tudo a perder.
- EMPREGADA 1 - Estás tudo perdido porque tu não teve força para...
- EMPREGADA 2 - Para...
- EMPREGADA 1 - Matá-la!
- EMPREGADA 2 - Ainda posso encontrar a força necessária.
- EMPREGADA 1 - Aonde? Aonde? Não estás tão longe como eu. Não vives acima da copa das árvores. Um leiteiro se apresenta à tua mente e te transtorna.
- EMPREGADA 2 - Foi por não ver o teu rosto, Clara. Por estar de repente tão perto dela, porque estava tão perto do seu sonho. Ia perdendo as forças. Havia que tirar os lençóis que o seu peito levantava para poder achar a sua garganta.
- EMPREGADA 1 - E os lençóis estavam mornos. A noite, escura. Essas coisas se fazem em pleno dia! És incapaz de cometer um ato tão terrível. Pois eu posso consegui-lo. Sou capaz de tudo, e tu sabe disso.
- EMPREGADA 2 - O gardenal!
- EMPREGADA 1 - É isso, vamos falar com calma. Eu sou forte, tu tentou me dominar...
- EMPREGADA 2 - Mas Clara...
- EMPREGADA 1 - Desculpa, sei bem o que digo, sou a Clara. E estou pronta! Estou farta! Farta de ser a aranha, a capa do guarda-chuva, a freira sinistra sem deus e sem família! Estou farta de ter um forno como altar. Sou a orgulhosa, a pútrida, e aos teus olhos também



- EMPREGADA 2 - Clara... estamos nervosas. A madame não dá jeito de chegar. Eu também estou que não posso mais. E também estou farta desta nossa semelhança, das minhas mãos, das minhas meias pretas, dos meus cabelos. Não te censuro nada, minha irmã. Teus passeios te aliviam...
- EMPREGADA 1 - Agora chega!
- EMPREGADA 2 - Queria te ajudar. Queria te consolar, mas sei que te dou nojo. Te repugno. E sei porque tu me dá nojo. Amar na servidão não é amar.
- EMPREGADA 1 - É dobrado amor. Mas estou farta deste espelho stroz que devolve a minha imagem como um mau cheiro. Tu és o meu mau cheiro. Pois bem! Estou pronta. Terei a minha coroa. Poderei passear pelos aposentos.
- EMPREGADA 2 - E pensar que não podemos matá-la por tão pouco.
- EMPREGADA 1 - Ah não? Não é o bastante? Que outro motivo é preciso? Onde e quando acharemos melhor pretexto? Não é o bastante? Esta noite a madame assistirá a nossa confusão rindo às gargalhadas, rindo entre lágrimas, entre profundos suspiros! Não, terei minha coroa! Serei essa envenenadora que tu não scubeste ser. É a minha vez de te dominar.
- EMPREGADA 2 - Mas eu nunca...
- EMPREGADA 1 - Me dá a toalha, me dá as pinças! Descasca as cebolas, raspa as cenouras, lava os cristais, se acabou. Ah já me esquecia: fecha a torneira, se acabou! Terei o munho à minha disposição.
- EMPREGADA 2 - Querida irmã!
- EMPREGADA 1 - Vais me ajudar.
- EMPREGADA 2 - Não saberás como agir. As coisas são mais graves. Não são tão simples.
- EMPREGADA 1 - Me sustentará o braço firme do leiteiro. Não fraquejará. Apoiarei a mão esquerda na cabeça dole. Me ajudarás. E se é que tenho que ir mais longe, Solange, se tenho que ir para o presidio, me acompanharás, subirás o barco. Seremos, Solange, nós duas, esse par eterno do criminoso e da santa. Nos salvaremos, Solange, te juro.
- EMPREGADA 2 - Te acalma. Vou te levar lá pra cima. Vais dormir.
- EMPREGADA 1 - Me deixa. Quero ficar na penumbra. Apaga a luz, por favor.
- EMPREGADA 2 - Descansa. Descansa, minha querida maninha. Te acalma queridinha. Põe os pés aqui. Fecha os olhos.
- EMPREGADA 1 - Tenho vergonha, Solange.
- EMPREGADA 2 - Não fala, deixa que eu faço tudo. Vou te adormecer. Quando estiveres dormindo te levo lá para cima, para o sótão, te dispo e te deito no teu divã. Dorme, que eu não saio daqui.



- EMPREGADA 1 - Tenho vergonha Solange.
- EMPREGADA 2 - Pssiu! Deixa te contar uma história.
- EMPREGADA 1 - Solange?
- EMPREGADA 2 - Meu anjo?
- EMPREGADA 1 - Ouve, Solange.
- EMPREGADA 2 - Dorme...
- EMPREGADA 1 - Tens uns lindos cabelos. Que lindos cabelos. Os dela..
- EMPREGADA 2 - Não fala mais nela.
- EMPREGADA 1 - Os dela são pestiços. Te lembras de nós duas? Debaixo da árvore! Com os pés ao sol, Solange!
- EMPREGADA 2 - Dorme. Eu estou aqui. Sou a tua irmã crescida.
- EMPREGADA 1 - Não, não. Nada de fraquezas! Acende! Acende! É muito importante este momento. De pé! E toca a comer! Para ter forças. Vem comigo, vem me aconselhar. O gardenal?
- EMPREGADA 2 - O gardenal! Não faças essa cara. É preciso alegria, é preciso cantar. Cantemos. Canta, como quando ias a pedir esmola nas praças e igrejas. É preciso rir. Senão a tragédia fará que nos escapemos voando pela janela. Fecha a janela. O assassinato é uma coisa... inenarrável! Cantemos. Nós a levaremos a um matagal e sob as árvores, sob a luz do luar, a esquartejaremos. E cantaremos! A enterraremos sob as flores dos nossos canteiros e regaremos à noite com o nosso regadorzinho.

(TOCA A CAMPAINHA DA PORTA)

- EMPREGADA 2 - É ela. Ai está ela de volta. Tens certeza de que te aguentas, Clara?
- EMPREGADA 1 - Quanto é preciso.?
- EMPREGADA 2 - Põe dez. No chá de camomila. Dez comprimidos de Gardenal. Mas tu não terás coragem.
- EMPREGADA 1 - Leve o tubo comigo. Dez.
- EMPREGADA 2 - Dez. Nove é pouco. Mais lhe faria vomitar. Dez. Faz o chá bem forte. Entendeu?
- EMPREGADA 1 - Sim.
- EMPREGADA 2 - Com bastante açúcar.

(CLARA SAI. ENTRA A PATROA)

- PATROA - Cada vez mais! Estas palmas horríveis, de um rosa debilitado. As loucas devem ir de madrugada até o mercado para comprar mais barato. Tanta solicitude, minha cara Solange por uma patroa indigna. E tantas rosas para ela enquanto o meu amor é tratado como um criminoso!... Porque, Solange, vou dar a ti e à tua irmã, uma nova prova de confiança! Já não tenho esperança nenhuma! O meu amor desta vez foi mesmo encarcerado! Encarcerado, Solange! En-car-ce-ra-do! Que me dizes disso? Aqui tens a tua patroa implicada na mais suja e estúpida das histórias. O meu amor dorme sobre a palha e vocês me fazem um altar.



- EMPREGADA 2 - A senhora não deve esmorecer. As prisões hoje já não são como as de antigamente...
- PATROA - A palha úmida dos celabouços já passou de moda. Eu sei. Mas isso não impede que a minha fantasia invente as piores torturas para o meu amor. As prisões es tão cheias de perigosos bandidos e o meu amor, que é a delicadeza em pessoa, vai ter que viver no meio de les. Morro de vergonha. Enquanto tenta explicar seu crime eu caminho entre canteiros, debaixo de ceramen chões, com a alma desesperada. Estou arrasada.
- EMPREGADA 2 - Suas mãos estão geladas.
- PATROA - Estou arrasada. Cada vez que voltar para casa meu co ração baterá com a mesma terrível violência, até que um di descoberei por cair morta no meio das flores de vocês. Porque é o meu entêro que vocês preparam; po is de uns dias para cá enchem meu quarto de flores fúnebres! Tive imenso frio, mas nem me atrevi a me queixar. Passei a noite a me arrastar pelos corredo res. Vi homens de gelo, rostos de mármore, cabeças de cêra, mas consegui vislumbrar o meu amor. Muito se longe. Lhe fiz um aceno com a ponta dos dedes. Me sentia culpada. E ele desapareceu no meio de dois po liciais.
- EMPREGADA 2 - Policiais? A senhora tem certeza de que eram polici-
sis? Deviam ser guardas?
- PATROA - Sabes coisas que eu mesma ignoro. Guardas ou polici-
sis, o certo é que levaram o meu amor. Acabo de es-
ter com a esposa de um juiz. Clara!
- EMPREGADA 2 - Está fazendo o chá de camomila para a senhora.
- PATROA - Ela que faça rápido! Desculpa, minha querida Solange. Perdão. Me envergonho de ter reclamado do chá, quando o meu amor está sozinho, sem comida, sem cigarros, sem nada. As pessoas não fazem a mínima idéia do que é uma prisão. Carecem de imaginação! Eu tenho demasiada. Minha sensibilidade me faz sofrer. Um sofrimento atroz. Vocês é que tem sorte, tu e a Clara, por não terem nin guém no mundo. A humildade da condição de vocês lhes poupa uma série de desgostos!
- EMPREGADA 2 - Não tardarão a descobrir que ele está inocente.
- PATROA - E está sim, está! Mas, mesmo culpado eu nunca o abando naria. Assim é que se vê quanto se gosta de uma pessoa. O meu amor não é culpado mas, se o fosse, eu me tornava sua cúmplice. Eu sei que ele sairá de apuro. Pelo menos essa história imbecil me fez tomar consciência do carinho que lhe tenho. E este acontecimento destina do a nos separar, ainda mais nos une. E quase me torna mais-feliz. De uma felicidade monstruosa! O meu amor não é culpado, mas se o fosse, que alegria a minha em carregar a sua crus! De lugar para lugar, de prisão em prisão, até o desterro eu o acompanharia. A pé se fosse preciso. Até a mais sordida das galés. Quero fumar! Um cigarro Solange.



- EMPREGADA 2 - Não consentiriam! Nem as esposas, nem as irmãs, nem mesmo a mãe dos bandidos podem acompanhá-los!
- PATROA - Bandido! Que linguagem, minha filha! Um condenado já deixou de ser um bandido! E além do mais, eu desaccatarei todas as ordens. Serei capaz das maiores audácias, Solange, das maiores astúcias.
- EMPREGADA 2 - A senhora é corajosa.
- PATROA - Ainda não me conheces. Até aqui, tu e a tua irmã, tinham visto uma mulher rodeada de cuidados e ternuras só preocupada com suas rendas e chás medicinais, mas faz tempo que abandonei minhas manias. Sou forte. Es tou pronta para a luta. Aliás, o meu amor não corre o risco da condenação. Mas convém que me eleve a seu nível. Necessito esta exaltação para poder pensar ma is depressa. E necessito dessa velocidade para ver melhor. Graças a isto, quem sabe, consiga perceber que polícia infernal é esta que dispõe de misteriosos espíões, dentro da minha própria casa.
- EMPREGADA 2 - Não deve perder a cabeça. Já vi absolverem casos mais graves. Nas audiências do Tribunal...
- PATROA - Casos mais graves? E o que é que tu sabes deste caso?
- EMPREGADA 2 - Eu? Nada. Me guio pelo que a senhora diz. Acho que deve se tratar de um caso sem maior gravidade...
- PATROA - Metes os pés pelas mãos? O que é que tu sabes de absolvições? Frequentas os tribunais?
- EMPREGADA 2 - Costumo ler as notícias dos jornais. Me referia a um indivíduo que cometeu algo de muito mais grave...
- PATROA - O caso do patrão não tem comparação. Ele é acusado de uns roubos idiotas. Estás satisfeita? De uns roubos! Idiotas! Idiotas como as cartas de denúncia que o le varam à prisão.
- EMPREGADA 2 - A senhora devia descansar.
- PATROA - Não estou cansada. Deixa de me tratar como uma impetente. Daqui para o futuro não serei mais aquela patroa que lhes permitia dar conselhos e entreter sua preguiça. Não sou eu a que merece compaixão. Os gemi dos de vocês me seriam insupertáveis. Me irrita a de licadeza de vocês. Me confunde. Me sufoca. Uma deli cadeza que, ao fim de tantos anos, ainda não conseguiu se tornar afetuosa. E estas flores que aqui estão; justamente para festejarem o contrário de umas núpci as! Só faltou acenderem o fogo para me aquecer! Pod e rá ele aquecer-se na sua cela?
- EMPREGADA 2 - Não há fogo minha senhora, não há. E se a senhora quer dizer que não somos suficientemente discretas...
- PATROA - Não queria dizer nada disso!
- EMPREGADA 2 - Deseja a senhora que eu lhe apresente as contas do dia?



- PATROA - Francamente! És inconsciente! Acreditas que eu tenho cabeça para contas? Mas afinal, Solange, me desprezas tanto assim, ao ponto de me recusares o mínimo gesto de simpatia? Me falar de números, de livros de contas, quando o que eu queria era ficar a sós com a minha pena.
- EMPREGADA 2 - Compreendemos a dor da senhora!
- PATROA - Não quero ferrar a casa de luto, mas enfim...
- EMPREGADA 2 - Tem o forro rasgado. Amanhã eu levo para consertar.
- PATROA - Como quiser Solange. Se bem que não valha a pena. Vou abandonar meus vestidos. Aliás, estou uma velha. Não é verdade, Solange, que eu estou uma velha?
- EMPREGADA 2 - Lá vem a senhora outra vez com coisas tristes.
- PATROA - Tenho idéias de luto, não te surpreenda. Como poderei pensar em vestidos e peles quando o meu amor está jogado no fundo de uma cela? Se acham esta casa muito triste...
- EMPREGADA 2 - Por favor minha senhora...
- PATROA - Reconheço que não há motivo de compartilhar minha desgraça; eu as desobriço.
- EMPREGADA 2 - Nunca deixaremos a senhora. Depois de tudo quanto a senhora tem feito por nós.
- PATROA - Bem sei, Solange. Eram muito infelizes?
- EMPREGADA 2 - Senhora...
- PATROA - Vocês são quase como minhas filhas. Com vocês a vida será menos triste. Iremos para o campo, terão flores no jardim. Mas vocês não gostam de festas. São jovens mas nunca riem. No campo estarão sossegadas. Vou enchê-las de mimos. Mais tarde lhes deixo tudo que teinho. Aliás, o que é que lhes falta? Só com os meus vestidos antigos ficariam que nem princesas. E meus vestidos... Para quem seriam? Vou abandonar minha vida de elegância.
- (EMPREGADA 1 ENTRA.)
- EMPREGADA 1 - O chá está pronto.
- PATROA - Adeus bailes, vernisagens e teatros. Vocês é que herdarão tudo isto!
- EMPREGADA 1 - Guarde os vestidos, minha senhora.
- PATROA - O quê?
- EMPREGADA 1 - O que a senhora deve é mandar fazer outros mais bonitos ainda!
- PATROA - Como é que posso andar correndo atrás dos costureiros? Acabo de explicar à tua irmã: o meu amor está na prisão. Sei que precisarei de um vestido negro para visitá-lo. Mas daí a.....
- EMPREGADA 1 - Que elegante que a senhora vai ficar; a dor lhe dará novos pretextos...

- PATROA - Hein? Tu deves ter razão. Continuarei a me vestir bem para o meu amor. Mas nesse caso sera necessário que invente o luto do seu exílio! Será uma luto mais suntuoso de que o de sua morte. Terei novos vestidos e ainda mais bonitos. E vocês me ajudarão ponde meus vestidos velhos. Talvez consiga clemência para o meu amor se dar estes vestidos. Nunca se sabe.
- EMPREGADA 1 - Mas minha senhora...
- EMPREGADA 2 - O chá está aqui, minha senhora.
- PATROA - Põe af, já bebo. Ficarão com os meus vestidos, é tu do para vocês.
- EMPREGADA 1 - Nunca haveremos de encontrar alguém como a senhora. Se a senhora soubesse as precauções que temos para cuidar dos seus vestidos! Para nós o armário da senhora é como se fosse a capela da Santíssima Virgem. Quando o abrimos...
- EMPREGADA 2 - O chá vai esfriar.
- EMPREGADA 1 - Em dias de festa, abrimo-lo todo. Apenas assim podemos olhar os vestidos. Não temos esse direito! O guarda-roupa da senhora é coisa sagrada. É o seu grande Roupeiro!
- EMPREGADA 2 - Ficas tagarelando e cansas a patroa.
- PATROA - Acabou! Meu belo "fascínio", o mais belo de todos, o brezinho. Foi Lanvin quem desenhou. Especialmente para mim. Toma, é para ti. É um presente meu, Clara!
- EMPREGADA 1 - Oh, é verdade que a senhora dá?
- PATROA - Claro. Já te disse que sim.
- EMPREGADA 2 - A senhora é demasiado boa. Bem pode agradecer à senhora. Há muito tempo que o cobiçavas!
- EMPREGADA 1 - Nunca serei capaz de pôr de tão bonito que é.
- PATROA - Podes cortá-lo. Só o veludo da cauda já dá para as mangas. Pica mais quente. Tanto quanto as conheço sei que o melhor para vocês são tecidos resistentes. E a ti, Solange, que posso te dar? Vou te dar...Olha as minhas raposas.
- EMPREGADA 1 - Oh, o casaco de cerimônia!
- PATROA - Que cerimônia?
- EMPREGADA 2 - A Clara quer dizer que a senhora só o vestia nas grandes ocasiões.
- PATROA - Nada disso. Enfim! Vocês ainda tem a sorte de ganharem vestidos! Eu, se quero, tenho que comprar! Mas hei de mandar fazer outros mais ricos, para que o luto do meu amor decorra com toda pompa!
- EMPREGADA 1 - Como a senhora é boa!



- PATROA - Não, não me agradeça. É tão agradável tornar-se felizes os que vivem à nossa volta. E eu só penso em fazer o bem! Quem pode ser tão ruim que queira me castigar? E me castigar por que? Me julgava tão bem protegida pela fidelidade de vocês. E também defendida pelo meu amor. E toda esta coligação de amizades não conseguiu erguer uma barreira suficientemente alta contra o desespero. Estou desesperada! Cartas! Cartas que só eu conheço. Solange?
- EMPREGADA 2 - Sim, minha senhora.
- PATROA - Que é isso? Estás fazendo reverências à Clara? Que engraçado! E julgava vocês menos dispostas a brincadeiras.
- EMPREGADA 1 - O chá, minha senhora.
- PATROA - Estava te chamando, Solange, para te pedir... Ora! Quem foi que mexeu de novo na chave da escrivania?... para pedir tua opinião... Quem terá podido enviar aquelas cartas? Não fazem a mínima idéia, é claro. Estão como eu, entontecidas com tudo isso. Mas o assunto será esclarecido, minhas filhas. O meu amor vai desvendar todo este mistério. Quero que analisem a letra e descubram quem terá urdido toda esta trama. O fone... quem tirou o fone do gancho? Alguém telefonou?...
- EMPREGADA 1 - Fui eu. Foi quando o patrão...
- PATROA - O meu amor? Fala!
- EMPREGADA 2 - Quando ele telefonou.
- PATROA - Da prisão? O meu amor telefonou da prisão?
- EMPREGADA 1 - Queríamos fazer uma surpresa para a senhora.
- EMPREGADA 2 - Ele está em liberdade condicional.
- EMPREGADA 1 - E está à espera da senhora no Bilboquet.
- EMPREGADA 2 - Oh, se a senhora soubesse!
- EMPREGADA 1 - A senhora nunca há de nos perdoar...
- PATROA - E não me diziam nada! Um automóvel! Depressa, Solange, depressa, um automóvel. Mas rápido. Vamos, corre! As minhas peles! Mexam-se! Vocês são loucas. Quem está ficando louca sou eu. Quando é que ele telefonou?
- (EMPREGADA 2 SAI.)
- EMPREGADA 1 - Cinco minutos antes da senhora chegar.
- PATROA - Deviam ter dito. E este chá já está frio. Não posso, de nenhuma maneira, esperar pela Solange. Mas, que disse ele?
- EMPREGADA 1 - O que acabo de dizer. Estava muito calmo.
- PATROA - Sempre o mesmo. Podiam condená-lo à morte que continuaria impassível. É um homem de temperamento. E que mais?
- EMPREGADA 1 - Nada mais. Disse que o juiz o tinha deixado sair em liberdade.
- (EMPREGADA 1 VOZ CADAVERICA.)



- PATROA - Como é possível sair do Palácio da Justiça à meia-noite? Os juizes trabalham assim até tão tarde?
- EMPREGADA 1 - As vezes até muito mais tarde.
- PATROA - Até muito mais tarde? Mas como sabe disso?
- EMPREGADA 1 - Estou a par, leio o "Detetive".
- PATROA - Ah é? Ora como é estranho, tu és mesmo uma menina muito esquisita. Podia apressar-se... Não te esqueças de mandar costurar o ferro do casaco.
- EMPREGADA 1 - Levo-o amanhã para a loja.
- PATROA - E as contas do dia? Agora tenho tempo. Me mostra.
- EMPREGADA 1 - Quem se encarrega disso é a Solange.
- PATROA - Pois é. Aliás, estou com a cabeça meio zozna, é melhor deixar isso pra amanhã. Aproxima-te um pouco! Vem! Mas ... tens a cara pintada! Então, Clara, também te pintas?
- EMPREGADA 1 - Minha senhora...
- PATROA - Não mintas! Fazes muito bem. Tens que viver, minha filha, tens que viver. Isso é em honra de quem? Confessa!
- EMPREGADA 1 - Pus um bocadinho de pó-de-arroz.
- PATROA - Não é pó-de-arroz, é rouge. "Cinza de Rosas", um velho rouge que já não uso mais. Tens razão, ainda és nova. Te embeleza, minha filha. Cuida de ti. O que é que ela está fazendo? Já é meia-noite e ainda não voltou!
- EMPREGADA 1 - Há poucos táxis. Deve ter ido correndo buscar um no ponto.
- PATROA - É? Nem me dou conta do tempo. Estou louca de felicidade e meu amor me telefonar a uma hora destas, para dizer que está livre!
- EMPREGADA 1 - A senhora faria bem em sentar-se. Vou aquecer outra vez o chá.
- PATROA - É inutil, não tenho sede. Esta noite vamos beber champagne! Não voltaremos.
- EMPREGADA 1 - Olhe que um gelinho de chá...
- PATROA - Já estou nervosa demais.
- EMPREGADA 1 - Per isso mesmo.
- PATROA - E vocês, tratem de não esperar por nós, tu e a Solange. Subam logo para dormir. Mas... que despertador é este? Que faz ele aqui? De onde veio?
- EMPREGADA 1 - O despertador? É o despertador da cozinha.
- PATROA - Este? Nunca tinha visto.
- EMPREGADA 1 - Estava em cima da prateleira. Está sempre em cima da prateleira.
- PATROA - É verdade que a cozinha não me é familiar. É a casa de vocês, o vosso domínio. Ali, são vocês as rainhas. Me pergunte é por que o trouxeram para cá.



- EMPREGADA 1 - Foi a Solange, para fazer a limpeza. Nunca se fia no relógio da parede.
- PATROA - É a pontualidade em pessoa. Sou servida pelas mais fiéis das empregadas!
- EMPREGADA 1 - Adoramos a senhora.
- PATROA - E com razão. O que eu não tenho feito por vocês!
- EMPREGADA 1 - A senhora nos vestiu como princesas. A senhora cuidou da Clara, ou da Solange, pois sempre nos confundis; a senhora nos envolvia na sua bondade. A senhora nos deixou morar juntas. A mim e à minha irmã. Nos dava todas aquelas pequenas coisas que já não lhe faziam falta. Nos permite ir à missa aos domingos, e rezarmos num genuflexório a seu lado.
- PATROA - Escuta! Escuta! (NA JANELA)
- EMPREGADA 1 - Aceita a água benta que lhe estendemos e às vezes nos oferece um pouco na ponta dos dedos enluvaados.
- PATROA - O táxi? Ela está chegando. Hein? Que estás fazendo?
- EMPREGADA 1 - Recorde, em voz alta, toda a bondade da senhora.
- PATROA - Que honra! Que honras... e que descuido! Enchem os móveis de rosas mas nunca tirem o pé.
- EMPREGADA 1 - A senhora não está satisfeita com o serviço?
- PATROA - Satisfeitíssima, Clara. Vou me embora!
- EMPREGADA 1 - A senhora vai tomar um pinguinho de chá, mesmo frio...
- PATROA - Queres me matar com o teu chá. Tuas rosas, teus conselhos. Esta noite...
- EMPREGADA 1 - Só um golinhe...
- PATROA - Esta noite vou beber champanhe! Camomila! No serviço de gala! E por que tanta pompa?!
- EMPREGADA 1 - Minha senhora...
- PATROA - A tua senhora vai embora! Tira essas flores daí!
- (A PATROA SAI, BATENDO A PORTA.)
- EMPREGADA 1 - Porque a senhora é boa, a senhora é linda, a senhora é meiga! Mas nós não somos ingratas. E todas as noites em nosso sótão, como nos ordenou claramente a senhora, rezamos por ela. Nunca levantamos a voz. E em sua presença nem sequer nos tratamos por tu. É assim que a senhora nos mata, com sua doçura. Com sua bondade a senhora nos envenena. Porque a senhora é boa, a senhora é linda, a senhora é meiga! Aos domingos nos permite tomar banho na sua banheira. Às vezes nos dá um ramallete. Nos inunda de flores murchas. A senhora nos prepara chás medicinais. A senhora nos fala de seu amante até nos dar um nó na cabeça. Porque a senhora é boa, a senhora é linda, a senhora é meiga!

(SOLANGE ENTRA.)



- EMPREGADA 2 - Não bebeu? Evidentemente, era de calcular, andaste às mil maravilhas.
- EMPREGADA 1 - Queria te ver no meu lugar.
- EMPREGADA 2 - E te rias de mim. A madame se escapou. A madame nos escapou. Clara, como pudeste deixá-la fugir? Foi encontrar com o amante e irá descobrir tudo. Estamos perdidas.
- EMPREGADA 1 - Botei o gardenal no chá, ela não quis bebe-lo... e agora a culpa é minha?...
- EMPREGADA 2 - Como sempre!
- EMPREGADA 1 - ...tua língua estava impaciente para anunciar a saída dele do cárcere.
- EMPREGADA 2 - A frase começou na tua boca...
- EMPREGADA 1 - E acabou na tua.
- EMPREGADA 2 - Fiz o que pude. Quis reter as palavras... não invertas as culpas. Fiz o possível para que tudo saísse bem. Para te dar tempo de preparares tudo, desci as escadas e mais devagar que pude. Me meti pelas ruas menos frequentadas, por onde passavam táxis e mais táxis. Já não podia evitá-los. Creio que, sem bem me dar conta do que fazia, mandei parar um e, enquanto eu tentava prolongar o tempo, tu deitavas tudo a perder. Deixavas de vigiar a madame. Não há mais remédio, só nos resta fugir. Agarramos o que é nosso... e desaparecer.
- EMPREGADA 1 - Todas as artimanhas foram inúteis. Somos malditas!
- EMPREGADA 2 - Maldita, tu! Outra vez a fazer asneira.
- EMPREGADA 1 - Bem sabes o que eu quero dizer. Bem sabes que os objetos nos abandonaram.
- EMPREGADA 2 - Acreditas que os objetos querem saber de nós?
- EMPREGADA 1 - Querem! Não fazem outra coisa. Nos traicionam e devemos ser grandes culpadas para eles nos acusarem assim tão encarniçadamente. Estiveram a ponto de desvendarem tudo à madame. Depois do telefone, foram os nossos lábios que nos traíram. Tu não assistisse como eu a todas as descobertas da madame. Porque eu vi caminhar a passos largos para a revelação. Não adivinhou nada, mas passou raspando.
- EMPREGADA 2 - E deixaste-a ir embora!
- EMPREGADA 1 - Eu enxerguei a madame, Solange! Lhe vi quando descobriu o despertador da cozinha que esquecemos de por no lugar. Quando descobriu o pé nos móveis. Quando descobriu o reuge berrado das minhas bochechas. Quando descobriu que líamos o "Detetive". Não cessava de nos descobrir e eu estava só para aguentar todos esses choques, para nos ver cair.
- EMPREGADA 2 - Temos que fugir. Vamos buscar a nossa tralha. Depressa, Clara, depressa, Clara... Vamos apanhar o barco, vamos tomar o trem... e barco.



- EMPREGADA 1 - Ir para onde? Para o pé de quem? Nem tenho forças para agarrar numa mala.
- EMPREGADA 2 - Vamos embora. Vamos para qualquer parte. Seja com quem for.
- EMPREGADA 1 - Aonde iríamos? Que faríamos para viver? Somos pobres!
- EMPREGADA 2 - E por que não levamos, Clara... por que não levamos...
- EMPREGADA 1 - Dinheiro? Não consente. Não somos ladras. Não tardaríamos a cair nas mãos da polícia. O próprio dinheiro nos denunciaria. Desde que vi como os objetos nos denunciavam, um após outro, me dão medo, Solange. O mínimo erro pode nos entregar a polícia.
- EMPREGADA 2 - À merda! Que vá tudo à merda! Temos que arranjar um jeito de fugir.
- EMPREGADA 1 - Perdemos... é demasiado tarde.
- EMPREGADA 2 - Julgas então que vamos continuar assim? Nesta angústia? Amanhã eles estão de volta. Os dois. Hão de descobrir donde partiram as cartas. Hão de descobrir tudo. Tudo! Não viste como ela resplandecia sua maneira de andar ao descer as escadas! Sua maneira de andar triunfante! Aquela felicidade atroz! A sua alegria é feita da nessa vergonha. Seu triunfo é nessa vergonha. Seu vestido é nessa vergonha. Suas peles... Merda! Terneu a ficar com as peles!
- EMPREGADA 1 - Estou tão cansada!
- EMPREGADA 2 - É o momento oportuno para que se queixe! A tua delicadeza aparece no momento preciso.
- EMPREGADA 1 - Extremamente cansada!
- EMPREGADA 2 - É evidente que quando a madame está inocente, quem tem a culpa são as domesticas. É tão simples estar inocente, minha madame! Mas se tivesse sido eu a responsável pela sua execução jure-lhe que hei de levá-la até o fim!
- EMPREGADA 1 - Mas Solange...
- EMPREGADA 2 - Acabou! O chá envenenado! Esse chá que tu te atrevia a não querer beber, havia se lhe abrir as mandíbulas à força e de lhe obrigar a engolir! Recusar-se a morder! Tu. Quando eu estava disposta a pedir de joelhos, de mãos postas, beijando a barra do seu vestido!
- EMPREGADA 1 - Não era assim tão fácil de ir até o fim!
- EMPREGADA 2 - Acha que não? Eu te tornaria a vida insuportável e a obrigaria a suplicar que lhe desse o veneno que, quem sabe, nessa altura talvez lhe recusasse. De qualquer modo, lhe faria a vida intolerável.
- EMPREGADA 1 - Clara, eu Solange, tu estás me irritando, porque as confundes. Clara ou Solange, tu estás me irritando e me levas à cólera. Porque te acuse de todas as desgraças.



- EMPREGADA 2 - Te atreve a repetir.
- EMPREGADA 1 - Te acuse de ser culpada de mais espantoso dos crimes.
- EMPREGADA 2 - Tu estás deida, ou bêbada. É que não há crime, Clara. Não poderão nunca acusar-nos de um crime preciso.
- EMPREGADA 1 - Nesse caso, inventamos, visto que... querias insultar-me! À vontade! Cuspa-me na cara! Cubra-me de lama e baixezas!
- EMPREGADA 2 - Que linda!
- EMPREGADA 1 - Omite as formalidades de início. Desde há muito que se tornaram inúteis as mentiras, as dúvidas que levam à metamorfose. Depressa. Depressa! Já não suporte mais vergenhas e humilhações. O mundo pode nos ouvir, sorrir, encelher os ombros, chamar-nos de loucas e invejas! Eu estremeço! Sinto um calafrio de prazer. Clara vou relinchar de alegria!
- EMPREGADA 2 - Que linda!
- EMPREGADA 1 - Começa com os insultos!
- EMPREGADA 2 - Que linda.
- EMPREGADA 1 - Adiante! Deixa de prelúdios. Passa aos insultos.
- EMPREGADA 2 - Tu me deslumbra. Nunca serei capaz.
- EMPREGADA 1 - Insultes, já te disse. Não julgue que voltei a pôr este vestido para ouvi-la cantar a minha beleza. Cubra-me de ódio! De insultos! De escarros.
- EMPREGADA 2 - Me ajuda.
- EMPREGADA 1 - Odeio as domésticas. Odeio essa espécie odiosa e ruim. As domésticas não fazem parte da humanidade, se infiltram. São um fedor que estaciona nas nossas casas, em nossos corredores, que nos cala que nos entra pela boca, que nos cerrempe. Te ver me dá vontade de vomitar. Fica quieta aí.
- EMPREGADA 2 - Vou subindo pouco a pouco...
- EMPREGADA 1 - Sei que são necessárias, como os coveiros, como lixeiros, como os policiais. Não obstante, toda esta gentelha é fétida.
- EMPREGADA 2 - Continua, continua.
- EMPREGADA 1 - Suas caras de espanto e de remorso. Seus cotovelos enrugados. Suas blusas fora de moda. Seus corpos feitos para carregar os nossos farrapos. Vocês são os nossos espelhos deformantes. Nessas válvulas de escape, nossa vergonha, nossas fezes.
- EMPREGADA 2 - Continua, continua.
- EMPREGADA 1 - Esteu nas últimas. Rápido, por favor. Vocês não são... são... Meu deus me sinto vazia, sem mais nada para dizer. Acabaram os insultos. Clara, tu me esgotas!



- EMPREGADA 2 - Me deixa sair daqui. Vamos ir para o mundo. Que venha todos à janela para nos ver, sem que nos ouvir.
- EMPREGADA 1 - Os da frente ainda vão nos enxergar.
- EMPREGADA 2 - Tomara que sim. A noite está boa. O vento me exalta.
- EMPREGADA 1 - Solange! Solange! Fica comigo. Volta!
- EMPREGADA 2 - Já atingi o nível. A senhora tem a seu favor o seu canto de codorniz, seu amante, seu leiteiro.
- EMPREGADA 1 - Solange...
- EMPREGADA 2 - Silêncio! Seu leiteiro matinal, seu mensageiro da alvorada, seu comensal delicioso, seu dono pávido e encantador. Já se acabaram! Estão todos prontos para o baile.
- EMPREGADA 1 - Que tu vais fazer?
- EMPREGADA 2 - Interromper a sequência. De joelhos!
- EMPREGADA 1 - Solange...
- EMPREGADA 2 - De joelhos!
- EMPREGADA 1 - Estás exagerando!
- EMPREGADA 2 - De joelhos! Por fim sei qual é o meu destino.
- EMPREGADA 1 - Está me matando.
- EMPREGADA 2 - Assim espero. O meu desespero me faz indomável. Sou capaz de tudo. Estávamos amaldiçoadas.
- EMPREGADA 1 - Cala boca!
- EMPREGADA 2 - Já não terás que ir até o crime.
- EMPREGADA 1 - Solange!
- EMPREGADA 2 - Quieta! Que a madame me escute. Tu a deixaste escapar. Tu! Que pena te dizer do meu ódio! Que não possa contar-lhe todas as nossas imitações. E tu tão covarde, tão bêbado, que a deixaste fugir! Agora está saboreando o champanhe. Quieta! Não se mexa. A morte está presente e nos espreita!
- EMPREGADA 1 - Me deixa sair!
- EMPREGADA 2 - Não se mexa. Quem sabe vá a descobrir contigo o meio mais simples e achar a coragem, Madame, para libertar a minha irmã e, ao mesmo tempo, arrastar me a mim mesma para a morte.
- EMPREGADA 1 - Que vais fazer? Onde iremos parar com tudo isso?
- EMPREGADA 2 - Por favor, Clara, responde.
- EMPREGADA 1 - Acabemos com isto, Solange. Já não aguento mais, me deixa.
- EMPREGADA 2 - Eu continuarei só, sozinha, minha cara. Não se mexa. Dispenho de tão maravilhosos meios, era impossível, que a madame saísse ileso. E desta vez quero acabar definitivamente com uma rapariga tão covarde.
- EMPREGADA 1 - Solange! Solange! Socorre.



EMPREGADA 2 - Pode berrar à vontade! Solte seu último grito, minha querida!(EMPURRA CLARA PARA O CHÃO.)
Até que enfim! Urra, morreu a madame. Estendida no lá nêles... estrangulada com as luvas de levar a louça. A madame pode ficar sentada! A senhora pode me chamar por menina Solange. Exatamente pelo que eu fiz. A madame e o seu amante me chamarão de maína Solange. A senhora devia despir esse vestido preto, é grotesco. Eis-me reduzida a pôr luto pela minha empregada. A saída do cemitério, as empregadas do bairro desfilaram diante de mim, como se eu pertencesse à família. Afirmei tantas vezes que ela fazia parte da família... A morta deve ter levado a brincadeira ao pé da letra. Sim, madame... A senhora e eu somos iguais e eu ando com a cabeça erguida... Não senhor inspetor, não. Não saberá nada do meu trabalho, nada do nosso trabalho co mum. Nada sobre a nossa colaboração neste crime... Os vestidos a senhora pode guardá-los. Eu e a minha irmã tínhamos os nossos. Os que vestíamos à noite, em segrede. Agora eu tenho o meu vestido, e tu e eu somos iguais uso o traje vermelho dos criminosos. O senhor está rindo? O senhor sorri? Acha que eu estou louca? Ache que as empregadas devem ter suficiente bom gosto para não fazerem os gestos reservados aos patrões. É verdade que me perdoa? É a bondade em pessoa. Quer competir em nobreza comigo. Mas eu conquistei a mais supera... agora estou só. Espantosa! Poderia falar-lhe com crueldade, mas quero ser boa... A madame reconstruirá seu medo. O O conseguirá muito fácil. No meio das suas flores, seus perfumes, seus vestidos. Esse vestido branco que tu usavas à noite no Baile da Ópera. Esse vestido branco que eu te proíbe sempre que use. É rodeada pelas suas jóias, seus amantes. Eu tenho minha irmã. Sim, me atreve a falar dela, me atrevo, sim senhora. Posso me atrever a tudo. Quem, quem é que vai me calar? Quem é que teria coragem para me dizer "minha filha"?...Servi.Fiz os gestos que é preciso fazer para servir. Sorri para a madame. Curvei-me para fazer a cama. Curvei-me para esfregar o chão, curvei-me para descascar as batatas, para escutar detrás das portas, para olhar pelas fecha duras. Mas agora estou em pé. Sólida. Sou a estranguladera. Sou a menina Solange, a que estranguleu a irmã: Calar-me eu!? Não há dúvida que a senhora é muito delicada. Mas a senhora me dá pena. Me dá lástima a brancura da senhora, da sua pele acetinada, das suas e relhinhos, dos seus pulsozinhos... Eu sou a pega negra. Tenho os meus juizes. Pertence à polícia. Clara? Queria muito, mas muito mesmo a senhora!... Não senhor inspeter, não contarei nada na presença deles. Essas coisas só interessam à nós... Essa minha rica, é a nossa noite, a nossa! Nem você nem ninguém saberá nada, a não ser que desta vez a Solange foi até o fim. Lá a estão vendo vestida de vermelha, vai sair. Sair, descer a escadaria a polícia a acompanha. Vinde à janela vê-la passar entre os penitentes trajados de negres. É meio-dia. Leva uma vela de sete dias. O carrasco a segue de perto. Sussurra-lhe ao ouvido palavras de amor. O carrasco me acompanha, Clara! O carrasco me acompanha! Será levada em precisão per todas as domésticas do bairro, per todas as empregadas que acompanharam Clara à sua última morada. Levam cores, flores, bandeiras, bandeirelas. Tocam os sinos. Ouve-se a marcha fúnebre. O enterro desfila com toda a pompa. É bonito não é verdade? Vão pr



8-27-

- EMPREGADA 2 - meire os mordomos, levam suas coroas. Logo depois o chofer, as governantas, levam suas coroas. Logo depois vem as camareiras, as copeiras levam as nossas cores, logo os porteiros, logo outras embeixadas celestes. E eu os conduzo. O carrasco me rodeia de atenções. Sou aclamada. Estou pálida e vou morrer! Tantas flores! Fizem-lhe um lindo enterro, não fizeram, Clara pobrezinha? É inútil madame, pertence à policia. Só eis me compreendeu pois ela também pertence ao mundo de tartes. Somos agora a menina Solange. A acusada Solange. A Solange. A célebre criminosa. Estamos perdidas, Clara.
- EMPREGADA 1 - Fecha a janela e corre as cortinas. Isso mesmo.
- EMPREGADA 2 - É muito tarde, todos já estão deitados. Vamos parar por aqui.
- EMPREGADA 1 - Clara, pode servir-me o chá.
- EMPREGADA 2 - Mas...
- EMPREGADA 1 - O meu chá de camomila, já te disse.
- EMPREGADA 2 - Estamos mortas de cansaço. Vamos cortar.
- EMPREGADA 1 - Mas nem pensar! Julga então a juvenzinha que vai salvar-se tão facilmente? Seria demasiado fácil conspirar com o vento, fazer da noite sua cúmplice.
- EMPREGADA 2 - Mas...
- EMPREGADA 1 - Não discute! Nestes últimos minutos quem dá as ordens sou eu. Solange, guardarás dentro de ti minha lembrança.
- EMPREGADA 2 - Não! Não pode ser, está louca! Vamos embora daqui! Depressa Clara. Temos que ir embora. Esta casa está envenenada.
- EMPREGADA 1 - Fica!
- EMPREGADA 2 - Não vês como estou fraca, Clara? Que pálida?
- EMPREGADA 1 - És muito covarde, faz o que eu te digo. Estamos no mesmo barco, Solange. Iremos até o fim. Tu ficarás sozinha para assumir nessas duas vidas. Vais precisar de muita força. Ninguém saberá entre os presidiários, que eu te acompanho secretamente. E quando fores condenada, nunca te esqueças que me guardas dentro de ti com todo o cuidado. Seremos lindas, livres e alegres. Solange, não temos mais nem um minuto a perder. Repete comigo...
- EMPREGADA 2 - Fala mais baixinho...
- EMPREGADA 1 - A senhora terá que tomar a sua camomila.
- EMPREGADA 2 - Não, não quer.
- EMPREGADA 1 - Repete, estupe! A senhora vai tomar a sua camomila.
- EMPREGADA 2 - A senhora vai tomar a sua camomila.
- EMPREGADA 1 - Pois precisa dormir...
- EMPREGADA 2 - Pois precisa dormir...



- EMPREGADA 1 - E eu ficarei velando.
EMPREGADA 2 - E eu ficarei velando.
EMPREGADA 1 - Vou repetir. Não me interrompa mais. Me ouve. Me obedeces? Vou repetir! O chá!
EMPREGADA 2 - Mas...
EMPREGADA 1 - Já disse! O chá!
EMPREGADA 2 - Mas, minha senhora...
EMPREGADA 1 - Isso, continua.
EMPREGADA 2 - Mas, minha senhora, o chá está frio.
EMPREGADA 1 - Vou bebê-lo assim mesmo. E servido na taça mais preciosa... (TOMBA NA CAMA.)

- F I M -

Retire livre sobre o original francês "Les Bonnes" de Jean Genet